

MUNDO-VIDA DE MULHERES BISSEXUAIS: uma compreensão fenomenológica-existencial

LIFEWORLD OF BISEXUAL WOMEN: a phenomenological-existential understanding

Edmar Henrique Dairell Davi¹ , Carolina Queiroz de Santana¹ 

RESUMO

Nosso objetivo é compreender os significados e os sentidos que mulheres bissexuais atribuem ao processo de construção de sua identidade sexual, as dificuldades encontradas e as estratégias para lidar com o preconceito nas suas trajetórias de vida. Considerando a sua singularidade enquanto orientação sexual, observam-se na atualidade diversos estereótipos sobre as pessoas que experienciam a bissexualidade, principalmente em relação à legitimidade e confiabilidade em termos afetivos e sexuais, como também, à legitimidade desta identidade sexual. Para conhecer as vivências destas pessoas e seu mundo-vida, elegemos o método fenomenológico e as reflexões de Maurice Merleau-Ponty para analisarmos os discursos de duas mulheres negras bissexuais residentes na Bahia. Os resultados apontaram quatro categorias: (1) Vivências afetivas na infância e adolescência: descobrindo e experimentando; (2) Aprendendo as diferenças; (3) Assumindo a bissexualidade e (4) Manejando relações para viver a bissexualidade. Embora gozem de maior visibilidade na atualidade, a representatividade e aceitação não se dão da mesma forma para todos (as) LGBTQIA+. Quanto às pessoas bissexuais, ainda incidem representações ambivalentes e percepções equivocadas, o que leva estas pessoas a adotarem uma agência criativa ao negociar intimidade e apoio social em suas vidas cotidianas e seu mundo-vida.

Palavras-chave: Bissexualidade, Comportamento Sexual, Pesquisa Qualitativa, Mundo-Vida, Fenomenologia.

ABSTRACT

Our goal is to understand the meanings and senses bisexual women attribute to the process of building their sexual identity, the difficulties encountered and their strategies to deal with different types of prejudice in their life trajectories. Considering the uniqueness of bisexuality as a sexual orientation, there are currently several stereotypes of their experience, especially regarding legitimacy and reliability in the affective and sexual sense and the legitimacy of that sexual identity. In order to learn about their experiences and lifeworld, we chose the phenomenological method and the reflections of Maurice Merleau-Ponty to perform the analyses of the speeches of two black bisexual women living in the inland of the state of Bahia. The results showed four categories: (1) Affective experiences in childhood and adolescence: discovery and experimentation; (2) Learning the differences; (3) Assuming bisexuality and (4) Managing relationships so as to experience bisexuality. Although they enjoy greater visibility today, representativeness and acceptance is not the same for all LGBTQIA+. As for bisexual people, ambivalent representations and misperceptions still occur, which leads them to adopting a creative agency when negotiating intimacy and social support in their daily lives and their lifeworld.

Keywords: Female Bisexuality, Sexual Behavior, Qualitative Research, Lifeworld, Phenomenology

¹ UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Autor Correspondente: Edmar Davi
E-mail: edmardavi@yahoo.com.br

Recebido em 07 de Janeiro de 2021 | Aceito em 29 de Novembro de 2021.

1 Introdução

Os últimos anos têm sido marcados por discussões sobre o modo pelo qual a sociedade lida com as sexualidades e identidades de gênero. Mesmo ainda em contexto de desrespeito aos seus direitos, é necessário reconhecer a conquista de espaços pelo movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais e demais orientações sexuais e de gênero). Mesmo com a permanência da intolerância é possível reconhecer relativa ampliação da aceitação social da diversidade sexual e de gênero nas sociedades ocidentais.

Numa ligeira observação sobre a presença da temática e das questões LGBTQIA+ no cotidiano, é fácil perceber que a conquista da liberdade de expressar a sua sexualidade e identidade de gênero tem sido muito mais comum entre alguns segmentos do que entre outros. A variedade de conceitos e identidades construídas no interior do movimento LGBTQIA+ e da academia demonstra a sua pluralidade. Os estudos de Facchini (2009b) mostram que as divergências e rompimentos estiveram presentes na história do movimento LGBTQIA+. Da mesma forma, a discussão sobre as trajetórias de vida e construção das práticas afetivo-sexuais da população LGBTQIA+ também requer a especificação dos conceitos de identidade sexual e identidade de gênero.

Facchini (2009b) ainda enfatiza que a abreviatura LGBTQIA+ pode ser enganadora, já que o primeiro grupo (LGB) se refere à categoria de lésbicas, *gays* e bissexuais, que devem ser compreendidos como orientações afetivas e sexuais. E o segundo grupo, representado pela sigla T, é utilizado para se referir aos transgêneros (transexuais e travestis), que devem ser compreendidos como formas de identidade de gênero. Apesar de todos (as) passarem por um processo de construção e reconhecimento da identidade e da sexualidade, o percurso é diferente em cada caso.

Historicamente a visibilidade da homossexualidade masculina tem sido maior, dado sua maior representatividade numérica nas primeiras organizações do movimento gay (MacRae, 1990), e dado sua representação mais ampla nos meios de comunicação. Esse processo tem se intensificado por meio de diversos espaços. No entanto, alguns segmentos carecem

de visibilidade e reconhecimento, seja pelos próprios LGBTQIA+, seja pela sociedade de modo geral. A menor exposição de certas categorias em relação a outras, por mais contraditório que isso pareça, pode reforçar o preconceito contra algumas práticas sexuais, uma vez que fortalece o anonimato, e indiretamente o isolamento de determinadas pessoas.

No caso da bissexualidade, esta categoria é apresentada muitas vezes como uma “não-orientação sexual”, “uma fase preliminar” porque constituída sob condições diferentes da hetero e da homossexualidade (Angelides, 2006; Cavalcanti, 2007). Em paralelo ao não reconhecimento da bissexualidade, também são observados discursos caracterizando os (as) bissexuais como “promíscuos (as)”, “supersexualizadas (os)” e que geralmente precisam de homens e mulheres para serem satisfeitas (os) sexualmente (Alberto, 2018).

Discutir a bissexualidade enquanto performance afetivo-sexual apresenta-se como uma tarefa peculiar na medida em que esta prática traz questões específicas em relação às demais identidades sexuais como a heterossexualidade e a homossexualidade. Primeiramente, pode-se destacar que a bissexualidade tende a ser mencionada só superficialmente nos trabalhos acadêmicos, sendo normalmente suprimida em relação às identidades homossexuais (Angelides 2006; Lewis, 2012b). Para Lewis (2012b) embora haja mais trabalhos sobre a bissexualidade do que é geralmente reconhecido, isso não muda o fato de o número de trabalhos sobre a bissexualidade ser muito menor do que o número de trabalhos sobre a homossexualidade, a transexualidade e a travestilidade.

Além disso, dado que muitas investigações sobre a bissexualidade têm se concentrado sobre as relações não-monogâmicas, a pesquisa sobre a bissexualidade tem aumentado a força dos estereótipos e preconceitos contra as pessoas que se identificam como bissexuais (Flanders, 2016; 2017; Paveltchuk, Borsa & Damásio, 2019). Tais estereótipos resultam na estigmatização e marginalização das pessoas que se identificam como bissexuais dentro dos movimentos LGBTQIA+, pois muitas vezes a bissexualidade é tratada como “só uma fase” antes de alguém se assumir uma orientação sexual específica.

As questões de discriminação mencionadas acima nos levam à relevância social desta discussão. As pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente sofrem dificuldades de preconceitos dentro e fora do movimento LGBTQIA+. Para Lewis (2012a) as pessoas que se identificam como bissexuais tendem a experimentar problemas duplos de discriminação e estigmatização por parte de pessoas que se identificam como hetero ou homossexuais – um fenômeno chamado bifobia. Ainda, na visão de Lewis (2012a) as causas da bifobia são diversas, mas geralmente os argumentos explicativos para este tipo de violência gravitam em torno da percebida ambiguidade da bissexualidade e à tendência de conceber esta prática como uma combinação de hetero e homossexualidade.

Cabe, portanto, refletir sobre as experiências e vivências das pessoas bissexuais, compreender o processo de “sair do armário” e contribuir para a visibilização das histórias sobre bissexualidades. Assim, este estudo pretende analisar as experiências de duas mulheres bissexuais utilizando suas narrativas sobre o processo de construção identitária na perspectiva de conhecer as práticas afetivo-sexuais, os momentos de descoberta da sexualidade, os preconceitos e percalços nas vivências da bissexualidade, dentre outros temas que emergiram nas entrevistas. Além das trajetórias pessoais como objeto de estudo, nos baseamos na fenomenologia-existencial como referencial teórico-metodológico na perspectiva de compreender os sentidos que as entrevistadas atribuem às suas vivências.

A perspectiva deste estudo, baseado na fenomenologia, não é compreender a subjetividade humana como uma consciência pura ou puro comportamento, mas investigar os fios intencionais que nos ligam ao mundo, pois estamos misturados com o mundo e com os outros numa confusão inextricável (Thévenaz, 2017). Assim, compreender os sentidos e significados que mulheres bissexuais atribuem ao processo de construção de sua prática sexual, nos oferece oportunidade para estudar as relações entre as histórias de vida, a sexualidade e a sociedade, mais especificamente, seu mundo-vida.

Na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), o *Lebenswelt*, mundo vivido ou mundo-vida

é anterior ao mundo científico e representa o mundo espaço-temporal que serve de palco, horizonte ou fundo para todas as nossas vivências – inclusive para a ciência, que é uma das vivências humanas. O “mundo da vida” é um mundo extremamente rico, dos “fenômenos anonimamente subjetivos” e conforme Stein (2004), Husserl define o mundo-vida como o fundamento do sentido esquecido na ciência da natureza.

O mundo vivido é constituído a partir do universo da significação, mas já sempre dado por toda atividade significativa do ser humano. É de certo modo, a fonte da significabilidade possível, já sempre dada e que, contudo, se atualiza sempre de novo na significação que se constitui (Stein, 2004, p.12).

Dando continuidade ao pensamento husserliano, o filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) incorpora a noção de mundo-vida à perspectiva de constituir uma fenomenologia “mundana” ou fundada nas questões da existência. Para Merleau-Ponty, a redução fenomenológica tem por objetivo nos levar a tomar consciência de nossa relação indestrutível com o mundo, de fazer aparecer esse mundo e sua presença inalienável. O mundo não tem como ser cindido nem da subjetividade nem da intersubjetividade, e a tarefa da fenomenologia consiste precisamente em pensar mundo, sujeito e intersubjetividade em seu nexos abrangente.

A investigação fenomenológica movimenta-se necessariamente do fato para a essência, mas seu interesse pela essência não é nenhum fim em si mesmo. Ao contrário, a apreensão do modo essencial forma um meio para a compreensão, para a fixação conceitual e para a articulação linguística de nossa existência fática. A concentração na essência acontece a partir do desejo de abarcar a riqueza do faticamente dado, não a partir do desejo de abstrair da facticidade (Zahavi, 2019, p. 46).

As essências na fenomenologia não se definem como algo atemporal ou imutável, mas se referem às vivências das pessoas, aos sentidos que atribuem às suas ações e interações no mundo com os outros. Pensar fenomenologicamente a bissexualidade é lembrar que ela e outras classificações da sexualidade não simplesmente descrevem a existência, mas a

constituem em maneiras histórica e culturalmente específicas de ser.

A pesquisa fenomenológica se apresenta como um método suficientemente criativo e flexível para nos permitir explicitar a complexidade do fenômeno da bissexualidade e, ao mesmo tempo, nos permite pensar nas relações profundas, simbolicamente internalizadas, que ocorrem entre estes seres humanos em seu contexto social, histórico e cultural. Para Mora e Monteiro (2013) há lacunas de estudos qualitativos sobre a homossexualidade e bissexualidade feminina. Compreender este universo de práticas sexuais se torna significativo para reduzir a vulnerabilidade social deste público e contribui na construção de políticas públicas adequadas. Dessa forma, considerando a bissexualidade como uma prática afetivo-sexual historicamente construída, propõe-se a investigar os sentidos e os significados que duas mulheres bissexuais atribuem às suas trajetórias de vida, seus relacionamentos, dentre outros temas.

2 Método

2.1 Participantes

Participaram deste estudo duas mulheres bissexuais residentes na região do Recôncavo da Bahia, que, por questões de sigilo, trataremos pelos pseudônimos de Amora e Violeta. Ambas as participantes são mulheres *cis* autodeclaradas negras. Amora tem 24 anos enquanto Violeta possui 28; a primeira participante cursa o ensino superior, enquanto a segunda se formou em Pedagogia e trabalha como docente do ensino básico. Os critérios para a seleção das participantes deste estudo foram: se autodeclarar como mulher bissexual; ser maior de dezoito anos; e aceitar a participar da pesquisa.

2.2 Instrumentos e procedimentos de coleta

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de abordar dados sociodemográficos e questões relacionadas ao processo de construção da bissexualidade enquanto prática afetiva e sexual. Após as participantes serem informadas dos objetivos da pesquisa, de lerem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi feita a

pergunta orientadora: “Fale da história de vida enquanto mulher bissexual.”, foram coletadas informações a respeito da percepção das colaboradoras sobre as experiências afetivas, como ocorreu o processo de reconhecimento da bissexualidade, as suas reações ante a revelação da orientação sexual e as repercussões diante do círculo familiar e de amigos (as), etc. A coleta das entrevistas aconteceu no domicílio das colaboradoras e teve duração média de 60 minutos. O procedimento de escolha das participantes se deu de forma intencional ou por conveniência utilizando-se a técnica de *snowball* ou “bola de neve”; na qual uma entrevistada indicou outra. A amostra foi definida com duas entrevistadas quando se alcançou o critério de saturação, isto é, quando os depoimentos começaram a ficar repetitivos. As entrevistas foram gravadas a partir de um celular e transcritas para a análise qualitativa.

2.3 Procedimentos éticos

Os cuidados éticos referentes à conduta ética na pesquisa com seres humanos foram considerados, atendendo à Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRB, sob protocolo nº 1.895.244/2017. O bem-estar das colaboradoras foi observado, tendo em vista que esse aspecto preocupa os (as) pesquisadores (as) da área, pois diz respeito ao fato de que, eventualmente, falar de questões relacionadas a experiências de vida pessoais pode suscitar algum desconforto psicológico.

2.4 Procedimentos de análise

Patias e Hohendorff (2019) afirmam que na pesquisa qualitativa é necessário eleger uma estrutura analítica que será aplicada às informações coletadas. Para os autores deve-se optar por uma técnica de análise e apresentar como a estratégia foi operacionalizada na pesquisa em questão. Assim, apresentamos a seguir os quatro momentos que compuseram o processo de análise das entrevistas, conforme as indicações de Bruns (2007). O primeiro momento caracteriza-se pela transcrição das entrevistas e leitura ampla de todas as descrições, do início ao fim, com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno estudado. O segundo momento é marcado pela in-

tenção de caminhar para a elaboração da discriminação das unidades de significado, as quais são extraídas após a releitura de cada depoimento, tendo em vista que não existem por si mesmas, mas somente em relação à interrogação que o (a) pesquisador (a) dirige ao fenômeno. O terceiro momento diferencia-se pelo seguinte aspecto: após a obtenção das unidades de significado, o (a) pesquisador (a) busca agrupá-las em temas ou categorias que expressam o *insight* psicológico nelas contido; ou seja, é a transformação da linguagem coloquial da entrevistada no discurso psicológico. Nesta etapa, cabe ao (à) pesquisador (a) escolher a abordagem teórica que utilizará para analisar o fenômeno. O quarto e último momento baseia-se na integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significado, as quais podem ser agrupadas em temas ou categorias em função das convergências e/ou divergências dos significados atribuídos pelas informantes e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva geral do fenômeno em questão.

3 Resultados

A partir da análise do conteúdo da história de vida de nossas participantes, foi possível estruturar as seguintes categorias para a compreensão do mundo-vida: (1) Vivências afetivas na infância e adolescência: descobrindo e experimentando; (2) Aprendendo as diferenças; (3) Assumindo a bissexualidade e (4) Manejando relações para viver a bissexualidade. A seguir trazemos a descrição de cada categoria com suas respectivas subcategorias, ilustradas por falas das participantes e discutidas tendo por base a literatura revisada.

4 Discussão

A primeira categoria englobou todos os depoimentos das participantes que se referiram ao processo de descoberta e às experiências afetivas na infância e adolescência. Foram encontradas três subcategorias: Experiências e descobrimentos; Referências e tabus; Encontrando-se.

Inicialmente, nossas colaboradoras relataram experiências afetivas da primeira infância e adolescência como forma de dar um sentido inicial à sua trajetória de vida. Violeta assim nos diz o seguinte:

eu acho que a criança já começa a descobrir mesmo que involuntariamente o corpo eu acho que a partir dos 5 anos já vai começar a tocar, né, por curiosidade mesmo, e eu tinha mais curiosidades em relação ao corpo feminino.

E quanto à sua primeira troca afetiva ela nos relata que:

O meu primeiro beijo ele foi com uma mulher. E tipo depois foi que eu fui tendo contato com homens. Rolou o beijo e eu lembro que eu beijei outras meninas nesse processo de descoberta, pra que depois eu pudesse vir a beijar meninos.

A ideia de experimentar e descobrir também perpassa o depoimento de Amora:

lá no trabalho no mercado com uns 13 anos eu me interessei por uma menina, e aí quando eu me interessei por ela, eu vi que era aquilo mesmo, de amor mesmo, amor por mulheres.

Nessas falas, as participantes destacaram as vivências afetivas não como uma opção, mas sim como algo inerente à sua pessoa e à sua história, que foi se revelando naturalmente, a partir da percepção da necessidade de se descobrir e conhecer outra pessoa.

Na outra subcategoria, Referências e tabus, nossas informantes nos falam das dificuldades encontradas neste processo de descoberta:

se você tem relações de beijo mesmo, de toque com meninos já era errado, imagine com meninas! (Violeta)

eu entendi que eu gostava de mulher e era aquilo, aí até ficar com uma mulher foi conversando muito tempo, muitas conversas e sempre alguém dizendo pra eu perder o medo, mas eu não conseguia porque eu entendia que era estranho, eu sabia que eu ia sofrer por aquilo, eu reneguei essa parte de mim, mesmo eu entendendo, eu passei a renegar (Amora).

Esses depoimentos nos trazem a perspectiva das informantes sobre o reconhecimento da afetividade que para elas está fora da norma heterossexual e, muitas vezes, é vista como um tabu. Por viverem em contextos heteronormativos, onde outras orientações sexuais são vistas como algo “errado ou anormal”, nossas colaboradoras acabam por não obterem

referências positivas em torno de suas orientações afetivas e de seus desejos. Merleau-Ponty (2006b) ressalta que a criança interage com o mundo de forma natural, colocando nas situações seu próprio corpo sem pressupostos, permitindo-se a interação e a experiência, buscando as sensações que estas lhe causam.

Quando a criança nasce, dizer “é menino, é menina” não quer dizer quase nada ainda. Mas quem diz menino ou menina diz indivíduo situado num campo de força que representa, a cada momento, para a criança, uma nuance particular de masculinidade ou de feminilidade. A criança nesse campo está submetida a vetores que a atraem para diferentes direções. (Merleau-Ponty, 2006b, p.472).

Ao considerar a heterossexualidade como uma trajetória “natural” de desenvolvimento não surge para aqueles (as) que não se enxergam heterossexuais parâmetros de referência para construção da identidade. No caso da bissexualidade, este processo ocorre de forma muito específica tendo em vista suas peculiaridades em relação a hetero e homossexuais. Para Jaeger, Longhini, Oliveira e Toneli (2019), o monossexismo, isto é, a perspectiva de que homo ou heterossexualidade são identidades fixas, exclusivas e não fluidas, pode alimentar a bifobia e consequentemente influenciar a construção das trajetórias dos (as) jovens bissexuais. Como nos traz o depoimento de Violeta:

aí em vários rolês eu simplesmente não ficava, ficava com a cachaça e tinha a questão de vários problemas. O álcool tá aí, na pré-adolescência e adolescência era o meu escape, hoje eu leio como que era minha válvula de escape, era o que me tirava da minha realidade ali mesmo que me trouxesse vários outros danos depois.

Para Heilborn e Cabral (2006) a pressão do grupo e a intimação nos relacionamentos afetivos levam jovens bissexuais no seu processo de descoberta a experimentarem situações de desgosto físico e emocional, o que as leva a manterem determinadas práticas (homo ou heterossexuais) até encontrarem um caminho seguro para a vivência bissexual. Entre nossas informantes, Violeta iniciou um relacionamento e engravidou com 16 anos, somente depois do término desta relação passou a ter parceiros de ambos os

sexos. Por sua vez, Amora assumiu a bissexualidade como orientação sexual aos 21 anos, tendo se apaixonado por outras garotas na adolescência e namorar um rapaz por alguns anos sem contato sexual.

A predominância do modelo binário “homo-heterossexual” gera uma hierarquização de identidades e práticas no discurso científico e no senso comum (Heilborn, Cabral; 2006). Desse modo, reconhecer-se como bissexual parece ser um processo que esbarra em diversos preconceitos conforme nossas informantes trouxeram na subcategoria Encontrando-se:

procurei um nome para, me disseram que era bi e é isso aí, sou bi. O que é bi, gente? Curte homem e curte mulher. Então é isso aí, gosta de gente. É isso eu gosto de gente. Sempre ficava com meninos e meninas, sem essa distinção assim; e na verdade a distinção era que por frequentar rolê hetero sempre rolava mais homens que mulheres (Violeta).

E Amora nos fala que:

aí quando chegou no São João a gente encheu a cara e a gente se pegou na casa dela e depois disso, eu disse, não, aí sim, agora eu sei que eu sou, realmente, bi, né porque eu já tinha namorado meninos.

Nos trechos acima, Violeta e Amora destacaram a tendência das pessoas que se identificam como bissexuais passarem por um controverso processo de descoberta de si, pois muitas vezes foram classificadas como homossexuais quando em relações com pessoas do “mesmo” sexo/gênero e como heterossexuais quando em relações com pessoas do sexo/gênero “oposto” nos “rolês ou baladas” que frequentavam. Para Lewis (2012a) as trajetórias de pessoas bissexuais esbarram no obstáculo de que elas devem “provar sua bissexualidade”, enquanto heteros (ou homossexuais) não têm que justificar suas performances identitárias. A autora também discute o fenômeno da homossexualidade presumida que opera dentro do movimento LGBTQIA+, o que leva muitas pessoas a insistirem em se assumir publicamente como bissexual para evitar ser classificada como lésbica ou gay.

Ao encontrarem a bissexualidade como prática afetivo-sexual que dá sentido às suas vivências, nossas informantes passam, agora, a ter de sustentar ou

“defender” sua orientação sexual como algo legítimo. Assim podemos perceber nas palavras de Violeta:

o tempo todo. Você é descarada, você é indecisa; enfim, todo mundo fala, na verdade, o meu padasto até hoje usa a frase assim: “essa aí tem salvação” quando eu chego mais arrumada, né, eu boto um vestido, e aí ele diz que eu tenho salvação, e aí eu dei umas cortadas, mas sempre rola. Eu lembro de quando eu levava os meninos que tava ficando, pra casa, ele sempre dizia: essa aí tem salvação. Ele não entendia que eu tava ficando como toda jovem, eu tinha vários crushs. E aí dentre eles variavam homens e mulheres, pra ele não, pra ele as mulheres eram deslizes, e os homens eram a salvação.

E Amora também nos relata que:

depois dela, eu não fiquei com mais ninguém, não conseguia ficar com ninguém, não conseguia me entender, porque ela era lésbica e ela ficava jogando o tempo todo pra mim que eu era lésbica e eu não me entendia como lésbica, eu me entendia como bissexual, só que eu não tinha base pra falar sobre isso, então eu dizia a ela, eu sinto desejo por homem e por mulher só que não na mesma intensidade, diferentes, mas eu ainda sinto, não posso negar essa parte de mim.

Para Merleau-Ponty (2006a), ser-no-mundo-social é trazer para nossa vivência aquilo que aprendemos e compartilhamos com nossos pares. Nossas colaboradoras moldaram suas vivências de acordo com os valores sociais que as circundavam, na medida em que se observaram como diferentes buscaram elementos para demarcar essa diferença. E os depoimentos de Amora e Violeta nos trazem a ideia de que devem provar que suas performances identitárias bissexuais não são “só uma fase” e que a bissexualidade “realmente existe” para serem aceitas. As categorias “heterossexual” e “homossexual” têm se tornado os dois grandes eixos e, por causa da insistência nesse binário, as pessoas que se identificam como bissexuais, frequentemente sofrem discriminações.

A desconstrução da oposição presumida entre homossexualidade e heterossexualidade é importante porque nos permite começar a imaginar modos alternativos de pensar e viver. Pessoas definidas como bissexuais são menos valorizadas, em termos do estabelecimento de relacionamentos afetivos, devido

às potenciais situações de infidelidade que podem vir a trazer o desejo e as práticas sexuais com sujeitos de ambos os sexos (Flanders, 2017). Em decorrência, como observaram Heilborn e Cabral (2006), jovens bissexuais mantêm encontros sexuais ocasionais com jovens do sexo oposto, tendo como cenário outros espaços de sociabilidade, tais como a escola ou o bairro de residência. Esses encontros são ocultados para conservar as redes de amizade estabelecidas com outras jovens entendidas ou lésbicas.

A partir dos depoimentos acima também podemos refletir sobre o que Flanders (2016) caracterizou como policiamento em relação à bissexualidade que consistiria no cerceamento de alguém em se identificar com o rótulo bissexual e/ou quando menciona a realização de práticas bissexuais ou sente desejos bissexuais. Também observa uma tentativa de apagamento a partir da negação total da existência da bissexualidade, a noção de que esta prática é só uma fase do caminho entre heterossexuais ou homossexuais.

Das falas de nossas colaboradoras podemos apreender duas táticas utilizadas pelas pessoas bissexuais, conforme Lewis (2012a). A primeira refere-se à autenticação da bissexualidade que exige a construção de uma identidade acreditável e verdadeira. E a segunda refere-se à autorização que é a legitimação de uma identidade através de uma instituição ou autoridade, dando certo grau de reconhecimento ao sujeito. Nesse sentido, Violeta se sente deslegitimada em sua bissexualidade quando seu padasto afirma que “essa aí tem salvação”, dando maior relevância para as relações com parceiros do sexo masculino. Ainda conforme Riversa, Gonzalez, Nodinc, Peeld e Tyler (2018) as intervenções apropriadas por parte de adultos e profissionais de saúde podem contribuir com saúde mental dos (as) jovens LGBTQIA+, no entanto, quando as intervenções refletem críticas inapropriadas com base na heteronormatividade, sentimentos de vergonha e inadequação podem levar a quadros de isolamento, auto rejeição, baixa-autoestima e comportamento suicida.

Para a fenomenologia de Merleau-Ponty (2006a) o mundo no qual vivemos é comum e público – não privado. Subjetividade e mundo estão mutuamente ligados um ao outro, e uma vez que o mundo con-

tém referências essenciais aos outros, a subjetividade também não tem como ser compreendida independentemente da intersubjetividade, com a qual ela compartilha necessariamente o mundo. Por isso a análise fenomenológica também não é no fundo apenas uma investigação do eu, mas do mesmo modo uma investigação do nós. Assim, a bissexualidade por se caracterizar pela fluidez, como uma identidade “ambígua entre identidades”, pode revelar as contradições identitárias e também apontar a rigidez e a exclusão promovida pelo posicionamento binário dentro do universo da diversidade sexual (Lewis, 2012a).

A partir desses processos de autenticação e autorização sobre a identidade bissexual, nossas colaboradoras precisam aprender como agir nas relações afetivas. Assim nos diz Violeta na categoria Aprendendo as diferenças:

era mais confortável sair com as meninas, os rolês eram outros, tipo você poder ir na praia, trocar uma ideia, tomar um sorvete, com homem primeiro você ia pro bar pra depois ele te levar pro motel, era basicamente o mesmo rolê, então, até por uma questão de cuidar mesmo de mim, eu sempre preferia os rolês mais com meninas.

Também Amora nos relata que:

e depois dele, aí eu disse não; eu sou realmente bissexual, me afirmei mesmo e aí eu contei a ele sobre, que eu ficava com meninas e aí ele falou assim, eu não me importo, mas aí eu não quero um relacionamento aberto, ele falou isso, e aí ele não se via nesse contexto de mulheres e tal, ele queria a parte sexual da coisa, mas a parte de relacionamento ele não queria, então não rolou nada, morreu ai, foi basicamente isso.

A orientação bissexual requer de nossas informantes um constante manejo de suas relações sociais devido a uma série de estereótipos construídos em torno de sua identidade sexual. Amora e Violeta vão aprendendo como agir com homens e mulheres enquanto parceiros (as) e o que traz de satisfação em cada tipo de relacionamento. Mais especificamente, Violeta nos apresenta melhores nuances das questões em torno de sua bissexualidade:

namorar com homens, por exemplo, onde eu não podia dizer pra família que era bissexual, né, ah não

precisa, tipo assim, é uma coisa que você não precisa contar; [...] e eu falo muito desse estereótipo da desconfiança, como se a pessoa não merecesse, a pessoa bissexual, ela não merece confiança, ela tá com homem, mas ela pode tá com mulher e como é que você confiar numa pessoa dessa?

As falas de Violeta indicam essa “ameaça” à estabilidade das relações erótico-afetivas como estereótipo da bissexualidade ou de algo a se esconder para familiares e amigos (as) de parceiros (as). Uma interpretação similar é encontrada no estudo de Cavalcanti (2007). Para a autora, é comum, por exemplo, pessoas bissexuais serem relacionadas à não monogamia, a relacionamentos abertos, à infidelidade e à transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST’s (Cavalcanti, 2007). Desse modo, a bissexualidade ainda é reinterpretada socialmente como uma falta de limites no terreno sexual e moral pelo fato de se associar à preferência por parcerias múltiplas de ambos os sexos. Sobre este aspecto Alberto (2018) observou crenças e opiniões de universitários portugueses sobre a bissexualidade e seus resultados de pesquisa mostraram a existência de um duplo padrão de discriminação relativamente à bissexualidade feminina e masculina. Sendo a bissexualidade masculina mais discriminada e considerada mais instável; a feminina, mais rejeitada enquanto identidade e assim assumida como uma fase de experimentação.

As práticas bissexuais, tanto no âmbito público quanto no privado, são um assunto que precisa ser mais bem compreendido, devido ao predomínio do modelo binário homo-heterossexual e sua consequente hierarquização de identidades e práticas. Assim, a partir da categoria Assumindo a bissexualidade podemos observar novos obstáculos nas trajetórias de Amora e Violeta:

eu vou dizer quem eu sou, e aí a pessoa vai ficar próximo se quiser, se não quiser, massa, você segue o seu caminho que eu vou seguir o meu, mas assim, eu nunca gostei de conhecer uma menina e ter que ir pra casa dela dizendo que eu era amiga dela, por exemplo (Violeta).

minha mãe ela me entendia como diferente desde sempre, só que era uma coisa não dita, acho que até os 23 minha mãe começou a questionar mais porque na época eu comecei a namorar mulheres escondido,

então, ia chamar a atenção dela em algum momento, muitas ligações de noite escondidas e ela ficava ouvindo, fazendo pergunta e eu não afirmava o que era. Aí depois de um tempo assim, ela falou pra mim que se eu contasse, que se eu me assumisse, na linguagem dela seria lésbica, mas bissexual, que ela não ia me aceitar como filha, que ela ia renegar aquilo, então ela disse assim, só faça isso quando você me ver morta, foi uma fase muito marcante pra mim, isso eu tava na descoberta da sexualidade de fato ali (Amora).

Os depoimentos de Violeta e Amora transmitem a perspectiva de rejeição daquilo que foge da norma heterossexual, mas principalmente o enquadramento das experiências e vidas das pessoas bi realizado a partir de uma lente monossexual. Este monossexismo nega a existência das bissexualidades, insiste em classificar as pessoas como heterossexuais ou homossexuais e trata como desvio as demais modulações da sexualidade. A bissexualidade também pode ser considerada por muitos como uma fase, não sendo reconhecida como sexualidade completa. Desse modo, não é raro que haja uma relativa aceitação nos movimentos LGBTQIA+ quando uma pessoa homossexual narra que, em sua trajetória de vida, a bissexualidade foi um passo que antecedeu o verdadeiro saber, isto é, o encontro definitivo de uma monossexualidade (Lewis, 2012a). Outro diálogo de Amora com sua mãe é bem significativo neste sentido:

ela perguntou de novo e aí eu soltei: tô me relacionando com uma pessoa, só que aí ela só desabou, chorou, chorou, chorou e depois disse: se é isso que você quer, tudo bem, e depois disso ela não tocou mais no assunto [...] e aí ela se segurou, ficou um tempão sem falar sobre o assunto e também ficava negando minha bissexualidade, dizendo, tipo: 'ah, mas você tá em dúvida, mas você tá, tipo, você quer um menino? Você quer uma menina?' E eu já falei a ela muitas vezes porque eu não quero que ela fique nessa dúvida mesmo de achar que eu tenho que ficar em cima do muro porque bissexualidade não é em cima do muro, sabe, não é mesmo.

Para Goldfried e Goldfried (2001) é menos comum observar escuta e acolhimento para aqueles (as) que assumem diretamente a bissexualidade como orientação sexual não caracterizando esta prática como uma fase de passagem para a homossexuali-

dade. Geralmente ao assumir a bissexualidade surgem questionamentos sobre a postura desta pessoa. Ainda segundo os autores nota-se que há uma hierarquia, um degrau de sexualidade, em que a bissexualidade seria tida como fase anterior à homossexualidade e, nesse caso, essa como propósito último. Muitas pessoas têm que insistir que a bissexualidade é uma condição estável, uma identidade legítima que não se enquadra no binário heterossexual/homossexual e não uma fase temporária. Também pode surgir o argumento de que a pessoa “está bissexual” ou “confusa”, como ilustra o último depoimento de Amora sobre a perspectiva de sua mãe. Assim surge a necessidade muitas vezes para os (as) bissexuais de apresentarem “provas” de uma bissexualidade duradoura e de que não estão “em cima do muro”, como também colocou Amora.

Frente aos diversos estereótipos e desafios que se apresentaram, nossas colaboradoras tiveram de constituir diferentes Manejos das relações para viver a bissexualidade e lidar socialmente com os preconceitos e outras adversidades:

entre homem e mulher; a questão de ser mais confortável tá com mulheres me levava a ter mais relações com mulheres, porque tinha muita cobrança masculina; os homens, eles exigem muito pra você tá do lado dele; é a leitura hoje que eu tenho mesmo do machismo [...] eu gosto muito da relação sexual e quando o homem também sabe respeitar, foi ensinado a respeitar os limites do sexo, porque tem ainda a questão do homem não saber nada, não saber nem onde é que ele vai enfiar a porra dele [...] mas eu gosto muito desse contato sexual com homens, porém, eu não consigo manusear as relações porque além das cobranças tem que ser próxima, mas nem tanto, tem que ser ciumenta, mas nem tanto (Violeta).

quando eu cortei o cabelo foi meio que me assumir pra geral sem usar palavras, então, acabou pesando sobre mim e aí foi uma outra violência, que eu digo, né, foi a violência da fetichização do meu corpo, era um corpo de mulher, negra, lésbica, lida como lésbica, e aí pesou muito sobre mim, pesou demais mesmo porque eu sofria toda essa violência em toda festa que eu ia, eu senti; eu não sei como explicar, mas, como se quando a mulher se torna mais masculina as outras dão mais em cima, é como tipo, lei da natureza mesmo, né, fêmea-macho, não tem como não

pensar isso porque é essa logística de paquera mesmo que eu tô falando (Amora).

Nossas entrevistadas nos falam das peculiaridades de viver sua bissexualidade e de como manejar determinados comportamentos frente aos (às) parceiros (as). Violeta descreve o contato com homens e a dificuldade frente ao machismo de alguns parceiros. Toft e Yup (2017) ao investigar a comunidade pessoal e intimidade de pessoas autodeclaradas bissexuais no Reino Unido, consideram que os estereótipos associados a esta orientação sexual interferem na negociação das relações de intimidade e nas de confiança. Os autores consideram que a criatividade ao negociar intimidade e apoio social são características significativas da bissexualidade devido à percepção equivocada que cerca esta identidade sexual.

Nas vivências de bissexuais, conforme Monteiro e Mora (2010), as parcerias com mulheres trazem mais satisfação devido à igualdade nas relações. No entanto, este não é o quadro descrito por Amora, ao sentir que seu corpo se tornou um fetiche por ser mais masculinizada nos ambientes de paquera. Como ela salienta em outro trecho:

eu fui começando a me sentir um objeto mesmo e fui pensando em todas essas violências cotidianas que eu tava sofrendo e aí quando eu me relacionei com uma menina branca veio toda essa violência em dobro, sabe, porque era num relacionamento eu conseguia sofrer racismo e a bifobia também de uma menina branca, e ela queria um relacionamento sério.

Violeta nos informa das diferenças de estar com homens e mulheres e em seu relato pode ser observado o medo de as pessoas que se identificam como bissexuais sempre necessitarem de variar a relação e isso gera perspectivas de infidelidade e desconfiabilidade. Ou em outros casos de que bissexuais precisavam ter relações com homens e mulheres para serem felizes e sexualmente satisfeitas. E nos depoimentos de Amora podemos perceber a discriminação sofrida e o não reconhecimento da especificidade da violência como algo significativo. No caso das mulheres bissexuais negras, os marcadores de gênero, raça e sexualidade constituem matizes relevantes nas suas relações sociais, determinando muitas vezes, oportunidades e direitos. As práticas discursivas racistas

aliadas à bifobia constituem elementos importantes que precisam ser enfrentados para que se possa realmente mudar condições de vida de mulheres negras e bissexuais.

As narrativas de nossas colaboradoras se mostraram boas fontes para a análise das construções identitárias nos dias atuais e também das trajetórias de vida daquelas pessoas que fogem à norma heterossexual. Os depoimentos de nossas colaboradoras fizeram, na perspectiva da redução fenomenológica de Merleau-Ponty, aparecer o mundo. O mundo da percepção (o mundo percebido), o mundo natural e social, enfim, o mundo-vida e, infelizmente, complexo das vivências de mulheres bissexuais. Os relatos de Violeta e Amora expuseram preconceitos sofridos, as normas sociais sobre a sexualidade, as relações de poder e os sistemas de opressão nos quais são discriminadas certas performances identitárias e práticas sexuais. Também indicaram como negociam a inclusão social da vivência bissexual e se legitimam nas suas relações sociais. As trajetórias de bissexuais não constituem apenas um problema de suas autoconcepções; elas também giram em torno da questão de saber como os outros concebem essa orientação sexual.

5 Considerações Finais

O mundo da vida é o mundo no qual vivemos. Na perspectiva fenomenológica do mundo da vida, a subjetividade bissexual precisa necessariamente ser concebida como ancorada corporalmente em um contexto social. O mundo não tem como ser cindido nem da subjetividade nem a intersubjetividade, e a tarefa da fenomenologia consiste precisamente em pensar mundo, sujeito e intersubjetividade em seu nexos abrangente.

Assim, o objetivo deste artigo, dentro das suas limitações, foi descrever os sentidos e significados que mulheres bissexuais atribuem ao processo de construção de sua orientação sexual. As narrativas apresentadas sobre o processo de construção da identidade sexual constituíram fontes particularmente ricas sobre a sexualidade, nos oferecendo uma oportunidade excepcional para estudar as relações entre discursos, identidades e o mundo-vivido de nossas

colaboradoras. O estudo das construções identitárias no confronto com estereótipos, preconceitos e discriminações nos dá a oportunidade de compreender os sentidos e significados constituídos pelas entrevistadas e as estratégias construídas para poder viver sua sexualidade.

Nossas colaboradoras nos falaram da descoberta da condição bissexual, das primeiras vivências de um desejo que era diferente da norma heterossexual. Relataram as dificuldades de conversar com a família sobre este desejo e descreveram as reações de seus pais e amigos (as) ao longo do processo de assumir-se bissexual. No caminho da construção de sua identidade sexual, apontaram os obstáculos nos relacionamentos, no convívio social e os limites impostos, infelizmente, à visibilidade de suas vivências afetivas e sexuais.

Considerando as questões problematizadas neste artigo, pensamos que as problemáticas do monossexismo e da bifobia não dizem respeito apenas às pessoas bi, mas à construção subjetiva de todas as outras sexualidades e orientações. Isso porque não podemos pensar nenhuma identidade como estando desconectada das relações que a todo tempo estabelece com outras identidades.

Ainda que já possamos notar algumas mudanças no que diz respeito ao binarismo, nossa sociedade continua a ver o mundo por divisões binárias. Essa matriz binária heterossexual cria uma hierarquia entre o masculino e o feminino, que como consequência cria uma ligação causal entre o sexo biológico da pessoa, a identidade de gênero e a sua demonstração no desejo sexual.

Pontua-se, por fim, que o questionamento e a desestabilização dos pilares da estrutura monossexista podem vir a beneficiar não apenas pessoas bissexuais, mas também heterossexuais, lésbicas e gays, considerando que a lógica binária produz um engessamento das experiências e um afunilamento do campo de afetos, trocas e parcerias igualitárias.

Os resultados desta investigação remetem ainda para a importância destas temáticas serem estudadas numa perspectiva interseccional. A noção de interseccionalidade nos ajuda a compreender e tratar

dos fenômenos sem os considerar como linhas paralelas que não se encontram ou como categorias que se sobrepõem sem serem relacionadas efetivamente. Psicólogos (as) estão cada vez mais preocupados (as) com os efeitos de raça/etnia, gênero, classe social e sexualidade nos resultados de saúde e bem-estar, identidades pessoais, sociais, visões políticas e participação. E é importante considerar como essas categorias de identidade, diferença e desigualdade em conjunto afetam as vivências de diferentes sujeitos.

6 Referências

- Alberto, J. (2018). *Bissexualidade (s):* Crenças e Opiniões [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Portugal]. Recuperado de Bissexualidade(s): crenças e opiniões (1library.org)
- Angelides, S. (2006). Historicizing (Bi) Sexuality: a rejoinder for gay/lesbian studies, feminism, and Queer Theory. *Journal of Homosexuality*, 52 (1/2), p. 125-158. DOI: 10.1300/j082v52n01_06
- Bruns, M. A. T. (2007). A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar os impasses da dicotomia subjetividade – objetividade. In M. A. T. Bruns & A. Holanda (Eds.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. (pp. 53-72). São Paulo: Alínea.
- Cavalcanti, C. (2007). *Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual*. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Facchini, R. (2009a). Entrecruzando diferenças: Mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In M. E. Diaz-Benítez & C. E. Fígari (Eds.). *Prazeres Dissidentes*. (pp. 309-341). Rio de Janeiro: Garamond.
- Facchini, R. (2009b). Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas*, 4 (1) p. 131-158. Recuperado de Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro | Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades (ufrn.br)
- Flanders, E. C. (2016). Bissexuality, social identity, and well-being: An exploratory study. *Sexualities*, 19 (5-6), p. 497-516. <https://doi.org/10.1177/1363460715609093>
- Flanders, C. E. (2017). Under the bisexual umbrella: diversity of identity and experience. *Journal of Bissexuality*, v. 17, n. 1, p. 1-6. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1297145>
- Goldfried, M., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of

- parental support in the lives of gays, lesbian and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57 (5), pp. 681-693. <https://doi.org/10.1002/jclp.1037>
- Heilborn, M. L., & Cabral, C. (2006). As trajetórias homobissexuais. In M. L. Heilborn & E. Aquino (Eds.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. (pp. 364-396). Rio de Janeiro: Garamond.
- Jaeger, M., Longhini, G., Oliveira, J. & Toneli, M. (2019). Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus*, 11 (2), pp. 01-16. <https://doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>
- Lewis, E. S. (2012a). A marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação [Resumo]. *Resumos de comunicações científicas, III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*. Recuperado de III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (unicamp.br)
- Lewis, E. (2012b). *Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais* [Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, Rio de Janeiro].
- MacRae, E. (1990). *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da Abertura*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Merleau-Ponty, M. (2006a). *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006b). Método em Psicologia da criança. In Merleau-Ponty, M. *Psicologia e pedagogia da criança*. São Paulo: Martins Fontes. (pp. 463-536).
- Monteiro, S., & Mora, C. (2010). Homoerotismo femenino, identidad y salud sexual entre frequentadoras de espacios de sociabilidad juvenil en Río de Janeiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 5 (1), pp. 74-96. Recuperado de Homoerotismo femenino, identidad y salud sexual entre frequentadoras de espacios de sociabilidad juvenil en Río de Janeiro | Monteiro | Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana (uerj.br)
- Mora, C., & Monteiro, S. (2013). Homoerotismo feminino, juventude e vulnerabilidade às DSTs/Aids. *Estudos Feministas*, 21 (3). <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300008>
- Patias, N., & Hohendorfe, J.V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 24 (1). <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>
- Paveltchuk, F. O., Borsari, J. C., & Damásio, B. F. (2019). Impacto da orientação sexual, suporte social e familiar no estresse de minorias em pessoas LGB. *Trends in Psychology*, 27 (3), pp. 735-748. <https://doi.org/10.9788/TP2019.3-10>
- Riversa, I., Gonzalez, C., Nodinc, N., Peeld, E. & Tyler, A. LGBT people and suicidality in youth: a qualitative study of perceptions of risk and protective circumstances. *Social Science & Medicine*, 212 (1) p. 1–8. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.06.040>
- Stein, E. (2004). *Mundo vivido: das vicissitudes e dos usos de um conceito em fenomenologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 193p.
- Thévenaz, P. (2017). O que é a fenomenologia? A fenomenologia de Merleau-Ponty (1952). *Revista do Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 9 (2), p.169-176. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912
- Toft, A. & Yup, A. K. (2017). Intimacy negotiated: the management of relationships and the construction of personal communities in the lives of bisexual women and men. *Sexualities*, 17 (1). doi/10.1177/1363460716679793
- Zahavi, D. (2019). O prefácio de Merleau-Ponty à Fenomenologia da Percepção. In D. Zahavi. *Fenomenologia para iniciantes*. Rio de Janeiro: Via Verita.